
TEXTO-BIBLIOGRAFIA-HOMENAGEM: ou sobre redes de afetos tecidas no decorrer de uma vida...¹

Carlos Eduardo Ferrazo^(*)

Para começo de conversa (ALVES; GARCIA, 1999b) conheci Nilda no final de 1984 por ocasião da minha entrevista no processo de seleção para o curso de mestrado em educação da Universidade Federal Fluminense (RJ).

Passados, então, vinte e oito anos, tento tecer, pela memória que se inventa, alguns fios dos acontecimentos vividos desde aquele momento e, como sempre, sou tomado por um forte sentimento de afeto, que moveu toda uma vida de **Encontros** (ALVES, 1995) com sua obra e, sobretudo, com sua presença sempre marcante.

Assim, **Falar de tempos e espaços** (ALVES, 2000a) da memória é, sempre, **Tecer conhecimento em rede** (ALVES, 1999), envolvendo diferentes fios das lembranças que nos levam a pensar em **Uma infinidade de mundos possíveis** (ALVES; GARCIA, 1997), sobretudo aqueles imaginados no transcorrer e a partir do meu curso de mestrado em educação, tendo Nilda como orientadora.

Mundos sempre abertos a novas experiências da vida cotidiana e que expressam, a cada momento vivido, sua permanente incompletude. Mundos impossíveis de serem imaginados em toda sua intensidade e beleza, mas que nos possibilitam entender, como aconteceu comigo durante o todo o tempo que *estudeiensi nei* em diferentes instituições, que **No cotidiano da escola se escreve uma história diferente da que conhecemos até agora** (ALVES, 2003b).

Entendo, desse modo, que a potência das memórias não reside na vã tentativa de voltar no tempo, de resgatar o passado de **Nossa lembrança da escola tecida em imagens** (ALVES, 2004b), mas, ao contrário, na força que nos move a seguir sempre em frente e em meio as incertezas e alegrias da vida de cada dia, sempre desafiando-nos a produzir outras leituras desses *mundosvidas* que possam inventar, a cada nova etapa de nossa trajetória acadêmica, **O sentido da escola** (ALVES; GARCIA, 1999a), ou melhor, os diferentes modos de se *fazerpensar* as escolas.

¹ No sentido de dar visibilidade e compor minha escrita com os títulos de alguns dos textos e dos livros escritos, individualmente ou não, por Nilda Alves, vou trazê-los em negrito e sempre começando com letra maiúscula.

^(*) Professor Associado II da Universidade Federal do Espírito Santo.

Ou seja, **Contar o passado, analisar o presente e sonhar o futuro** (OLIVEIRA; ALVES, 2001b) requer seguir em direção ao imprevisto, ousar viver as incertezas, enfrentar o caos e o acaso, pois é **Atravessando fronteiras e descobrindo (mais uma vez) a complexidade do mundo** (ALVES; GARCIA, 1999c) que a nossa existência tem sentido, que conseguimos fazer de nossa vida de *alunoprofessor* uma obra de arte.

Assim, nas muitas **Trajétórias e redes na formação de professores** (ALVES, 1998b), temos sempre que considerar os fios e nós dessas *redestrajetórias*, isto é, os **Compassos e descompassos do fazer pedagógico** (ALVES, 1996) que nos forçam a seguir adiante mesmo quando, por alguns momentos, achamos que não vale a pena continuar, que não adianta muita coisa investir na educação, até porque tudo parece tão determinado e sem sentido que nos resta apenas viver **Os romances das aulas** (ALVES, 2000b), sem muitas pretensões e/ou desejos e/ou consequências...

No entanto, **As redes de conhecimentos e significados na formação docente** (ALVES, 2007), em sua complexidade e potência para nossa vida nos estimulam, como já dito, a não perecer, não desistir, não entregar os pontos mas, pelo contrário, a resistir (re)existindo, resistir combatendo a mesmice, o tédio e a falta de perspectiva que, por vezes, nos congelam em lugares preestabelecidos.

A cada dia vivido nas escolas *encontramosinventamos novasoutras* energias que nos ensinam a pensar **Sobre escola, cozinha, cheiros, gostos, toques e saberes complexos** (ALVES, s.d.), fazendo com que entendamos que a dimensão de complexidade da educação não tem a ver, necessariamente, com **A desestrutura dos conceitos** (ALVES, 1987) que nos foram ensinados como referências e/ou sinônimos de validade, cientificidade, neutralidade, verdade e objetividade, mas, sobretudo com a permanente condição de tessitura dos diferentes sons, cores, texturas, cheiros, tatos, racionalidades e intuições negociadas e em permanente movimentação nas redes de *saberesfazeres* dos sujeitos que praticam os cotidianos das escolas.

De fato, não basta colocar em análise, problematizar os conceitos modernos. É preciso inventar, como nos tem ensinado já há algum tempo Nilda, outras possibilidades de se pensar educação, para além dos conceitos herdados do paradigma cartesiano.

Com isso, **Certeau e as artes de fazer** (ALVES; OLIVEIRA, 1998) dialogam e aparecem nos escritos de Nilda com uma importância vital à medida que ajudam a oxigenar a pesquisa em educação, sobretudo no campo do currículo, ao entenderem e assumirem **O espaço escolar e suas marcas** (ALVES, 1998a) como permanentes movimentos de abertura para a vida, superando as

análises que ainda valem-se da dicotomia dentro/fora da escola, ou ainda, da contraposição entre **Muros e redes** (PASSOS; ALVES; SGARBI, 2006).

Nessa direção, a pesquisa em educação se processa como se estivéssemos, todo o tempo, **Decifrando o pergaminho** (ALVES, 2001a) e, por consequência, forçando-nos a superar a lógica da visão que, durante décadas, deu o tom da pesquisa educacional e, com isso, lançando-nos em um mergulho com todos os nossos sentidos nos cotidianos das escolas.

Assim, a partir dos usos feitos por Nilda das leituras de Certeau, entendemos que **Pesquisar o cotidiano na lógica das redes cotidianas** (ALVES; AZEVEDO; OLIVEIRA, 1998) significa, sobremaneira, viver **A experiência da diversidade no cotidiano e suas consequências na formação de professores** (ALVES, 2002b) mas, pode significar também, **Criar currículo no cotidiano** (ALVES, 2002a).

De um jeito ou de outro, ou ainda de tantos outros, Nilda tem-nos ensinado com seus textos que a **Pesquisa nos/dos/com os cotidianos das escolas** (OLIVEIRA; ALVES, 2008) só se torna potente para a educação e, desse modo, para a vida, quando acredita na possibilidade inventiva e astuciosa dos sujeitos que praticam esses cotidianos e, com isso, atesta que **A invenção da escola a cada dia** (ALVES; GARCIA, 2000) não é algo que diz respeito apenas às intenções decorrentes de planos e projetos governamentais, mas tem a ver com as estratégias e as táticas que são produzidas e negociadas no anonimato e invisibilidade das redes de *saberesfazeres* cotidianas, tecidas por aqueles e aquelas que habitam as escolas.

Nesse sentido, nessa **Conversa sobre pesquisa** (ALVES; GARCIA, 2002b), é preciso, quando colocamo-nos na condição de pesquisadores da educação, que possamos pensar com seriedade e afeto **Sobre movimentos das pesquisas nos/dos/com os cotidianos** (ALVES, 2008a), para que possamos fazer de nossas idas às escolas, isto é, de nossas vivências junto aos educadores e estudantes, manifestos a favor da luta por uma escola democrática, alegre e que aposte na ampliação da vida, na medida que se proponha a corresponder às expectativas, desejos e necessidades dos sujeitos que lá já estavam antes de entramos e que continuarão depois de sairmos.

Como desdobramento, a proposta de **Pesquisa no/do cotidiano das escolas** (OLIVEIRA; ALVES, 2001a) também nos tem ensinado que, em educação, não basta assumir a diferença como ponto de partida se não atuamos no sentido de garantir a diferença também como ponto de chegada, ou seja, o desafio está colocado em como trabalhar a diferença na diferença, e não tendo em vista a homogeneidade.

Conhecer e fazer valer em nossas *práticasvidas de pesquisadoreseducadores* **Uma história da contribuição dos estudos do cotidiano escolar ao campo do currículo** (ALVES; OLIVEIRA, 2002) significa compreender, como Nilda tem *ditoescrito* de modo insistente, **A necessidade de orientação coletiva nos estudos sobre cotidiano** (ALVES; GARCIA, 2002a), uma vez que essa aposta de pesquisa só faz ver sua potência quando nos damos conta de que se trata, todo o tempo, de redes de relações tecidas no coletivo ou, pensado de outro modo, que estamos, o tempo todo, falando **Sobre redes e valores, com imagens e narrativas ao meio** (ALVES; OLIVEIRA; FERRAÇO, 2008).

Por esta razão, as **Imagens das escolas** (ALVES, 2001b) inventadas em meio às redes de valores e narrativas produzidas pelas pesquisas com os cotidianos têm potencializado, para os pesquisadores dos grupos institucionais que participam desse movimento, **Novos saberes** (ALVES, 2006b) com diferentes sabores levando-nos, por exemplo, a pensar **Cozinha e escola** (ALVES, 1998c) como *espaçostempos* que guardam similaridades, sobretudo quando nos damos conta que, etimologicamente, *conhecer* tem a ver com *saber* que tem a ver com *sapere/sabor*.

Novos *saberessabores* que nos estimulam a *ousarpropor* outros *temas-mundos* de pesquisa para os currículos tecidos nas muitas *escolascozinhas* desse país e, com isso, afirmar a ideia de que todos nós, *educadorespesquisadores*, nos *espaçostempos* cotidianos de nossas ações, isto é, na nossa **Everyday life in schools** (ALVES, 2011b), somos sempre autores de políticas educacionais.

De fato, com Nilda, temos *aprendidoensinado* que *pensarfazer* pesquisa no campo do currículo, isto é, produzir **Discurso, texto, narrativa nas pesquisas em currículo** (ALVES *et al.*, 2009) envolvendo, sistematicamente, os sujeitos que estão nas escolas, implica considerá-los como praticantes de *teoriaspráticas* ou de *prácticasteóricas políticas*, que se constituem em redes tecidas a partir dos chãos dessas escolas, a partir das situações vividas por esses sujeitos na concretude da vida.

Portanto, se desejamos, por exemplo, propor **Algumas ideias sobre a formação de professores** (ALVES, 2002d), ou ainda, colocar em análise, problematizando as tantas **Redes educativas “dentrofora” das escolas, exemplificadas pela formação de professores** (ALVES, 2010b), nunca poderemos desconsiderar a força dessas *prácticasteóricas políticas* na constituição dos *fazeressaberes* curriculares, uma vez que expressam os múltiplos sentidos que os conhecimentos escolares assumem para os alunos e os educadores em cada sala de aula.

Assim, pensando a escola pública brasileira em um tempo de desesperança e de falta de perspectiva como o nosso, herdeiro direto do **Século XX cambalache, problemático e febril**

(ALVES, 2001c), mais do que nunca, como defende Nilda, precisamos voltar nossa atenção para os cotidianos das escolas, para os *saberes-fazer*s de seus praticantes, assumindo sem medo os **Aspectos teórico-metodológicos e teórico-epistemológicos das pesquisas com os cotidianos de redes educativas** (ALVES *et al.*, 2012), como uma das poucas alternativas que temos, hoje, para que a pesquisa em educação não se torne, como em alguns casos, um exercício de arrogância acadêmica, estéril, enfadonha e pautada em prescrições que só fazem imobilizar os professores e os alunos, porque os tomam como os principais responsáveis pelo suposto fracasso escolar.

Falarescrever **Sobre as razões das pesquisas nos/dos/com os cotidianos** (ALVES, 2010a) implica, então, assumir como referência a dimensão de *prácticapolítica* desses cotidianos. Implica, sobretudo, não negligenciar a força e a beleza das ações do dia a dia, indo ao encontro dos sujeitos que, cotidianamente, praticam as escolas em meio a sutis e efêmeras redes de solidariedades e de amizades, apesar dos mecanismos de opressão e de disputa que sempre se fazem presentes nesses cotidianos.

Escreverfalar sobre as pesquisas realizadas sobre os vários currículos tecidos em redes nos cotidianos das escolas implica, ainda, problematizar as determinações espaço-temporais das escolas, associadas a sua materialidade, levando em conta a arquitetura do prédio, a história de vida e a formação dos praticantes, os planos de cargos e salários, os horários, calendários, documentos escolares, buscando entender esses determinantes em meio à complexidade vivida, como por exemplo, percebendo o **Diário de classe [como] espaço de diversidade** (ALVES, 2003a).

Enfim, *falarescrever* sobre as pesquisas realizadas sobre os currículos das escolas implica, como nos ensina Nilda, também pensar **Sobre novos e velhos artefatos curriculares** (ALVES, 2011a) e, com isso, levar em conta as muitas **Imagens de tecnologias nos cotidianos das escolas, discutindo a relação “localuniversal”** (ALVES, 2004a).

Voltando, então, ao desejo que originou esse *texto-bibliografia-homenagem* a Nilda, ou seja, tentando retomar nossa ideia inicial de fazer movimentar o pensamento-lembrança **Em torno da memória e das culturas de escolas como espaçostempos de formação docente** (ALVES, 2008b) vamos, aos poucos, nos dando conta do quanto nosso investimento como pesquisador na noção de cotidiano como *espaçotempo* de produção de políticas de educação nos ajudou a sustentar uma atitude mais otimista e problematizadora em relação à nossa própria vida e, por efeito, em relação às vidas dos alunos e dos educadores com os quais temos convivido durante todos esses anos, a partir daquela entrevista para o curso de mestrado da UFF.

Com isso, se pudéssemos nos conceder **Uma entrevista imaginária** (ALVES, 2006a), sobre como nos tornamos o que somos, ou ainda, sobre **Como nosso corpo passa a ser o de professor[a]**? (ALVES, 2002c), talvez tivéssemos como resposta que esta é uma pergunta irrespondível do ponto de vista de qualquer tentativa de racionalização, uma vez que a força que nos move, a cada dia, na educação, se situa nas experiências, nos bons encontros, nos acasos, nas amizades, nas redes de afetos tecidas no decorrer das singularidades de nossas vidas.

Desde aquele momento no ano de 1984 até hoje, vou seguindo desejando **Narrar a vida e literaturizar a ciência** e, com isso, vou arriscando escrever de modo a tentar deixar vaziar os sentimentos que me movem na educação, como me foi possível encontrar nos escritos de Nilda...

Desde aquele momento no ano de 1984 até hoje, vou seguindo **Virando de ponta-cabeça**, ousando pesquisar potencializando os sujeitos das escolas em suas *teoriaspráticas* e autonomias de pensamento, como me foi possível aprender com as aulas de Nilda...

Desde aquele momento no ano de 1984 até hoje, vou seguindo exercitando um **sentimento de mundo**, me permitindo experimentar a beleza da diferença da vida, sem a pretensão de ter que chegar a um único e definitivo lugar como me foi possível entender conhecendo e admirando a história de vida de Nilda...

Desde aquele momento no ano de 1984 até hoje, vou seguindo **Mergulhando com todos os sentidos** nos diferentes cotidianos de minha vida, sendo tocado pelos inúmeros momentos de solidariedade e afeto, e pelos tantos gestos de sensibilidade que pude presenciar estando ao lado de Nilda, mostrando-me, sempre, que as relações de amizade, de solidariedade, de consideração e respeito em relação ao outro sempre são mais fortes e potentes para nossa vida do que qualquer disputa intelectual, do que qualquer desavença acadêmica...

Desde aquele momento no ano de 1984 até hoje, vou seguindo “Eu caçador de mim”... Para todo o sempre...

Alunoorientando de Nilda Alves...

REFERÊNCIAS

ALVES, Nilda. A desestrutura dos conceitos – Entrevista com Nilda Alves. In: *Jornal Leia*, São Paulo: Edicon, ano IX, n. 103, maio 1987.

_____. *Encontros*. Niterói: Universidade Federal Fluminense, jul. 1995. mimeo. [Memorial apresentado para concurso de professor titular em currículos e programas]

_____. Compassos e descompassos do fazer pedagógico. *Seminário sobre Psicopedagogia e o Cotidiano Escolar*. São Paulo: Universidade de Franca, dez. 1996. mimeo.

-
- ALVES, Nilda. *O espaço escolar e suas marcas: o espaço como dimensão material do currículo*. Rio de Janeiro: DP&A, 1998a.
- _____. *Trajatórias e redes na formação de professores*. Rio de Janeiro: DP&A, 1998b.
- _____. Cozinha e escola: algumas aproximações possíveis. *21ª Reunião Anual da Anped*. GT-Currículo: minicurso Certeau e as artes de fazer. Caxambu, out. 1998c. mimeo.
- _____. *Tecer conhecimento em rede*. In: ALVES, Nilda; GARCIA, Regina Leite. (Orgs.). *O sentido da escola*. Rio de Janeiro: DP&A, 1999.
- _____. Falar de tempos e espaços. In: CANDAU, Vera Maria. (Org.). *Didática, currículo e saberes escolares*. Rio de Janeiro: DP&A, 2000a.
- _____. Os romances das aulas. In: *Revista Movimento – Profissão docente: teoria e prática*, Niterói, n. 2. p. 7-32, 2000b.
- _____. Decifrando o pergaminho – o cotidiano das escolas nas lógicas das redes cotidianas. In: OLIVEIRA, Inês Barbosa; ALVES, Nilda. (Orgs.). *Pesquisa no/do cotidiano das escolas: sobre redes de saberes*. Rio de Janeiro: DP&A, 2001a.
- _____. Imagens das escolas: sobre redes de conhecimentos e currículos escolares. In: *Educar em Revista*. Dossiê, cultura e escola: saberes, tempos e espaços como dimensões do currículo, Curitiba, n. 17, p. 53-62, 2001b.
- _____. *Século XX cambalache, problemático e febril ou que falta de respeito e atropelo à razão*. Rio de Janeiro, nov. 2001c. mimeo. [Ofício enviado ao Ministro da Educação Paulo Renato Souza]
- _____. (Org.). *Criar currículo no cotidiano*. São Paulo: Cortez, 2002a.
- _____. A experiência da diversidade no cotidiano e suas consequências na formação de professores. In: VICTORIO FILHO, Aldo; MONTEIRO, Solange Castellano Fernandes. (Orgs.). *Cultura e conhecimento de professores*. Rio de Janeiro: DP&A, 2002b.
- _____. Como nosso corpo passa a ser o de professora? In: GARCIA, Regina Leite. (Org.). *O corpo que fala dentro e fora da escola*. Rio de Janeiro: DP&A, 2002c.
- _____. Algumas ideias sobre a formação de professores. *IV Jornada de Reconstrução Curricular – A formação de professores nas licenciaturas da UFBA: em busca de novos rumos*. Bahia, fev. 2002d. mimeo.
- _____. Diário de classe, espaço de diversidade. In: MIGNOT, Ana Chrystina Venancio; CUNHA, Maria Teresa Santos. (Orgs.). *Práticas de memória docente*. São Paulo: Cortez, 2003a.
- _____. No cotidiano da escola se escreve uma história diferente da que conhecemos até agora. In: VORRABER, Marisa. *A escola tem futuro?* Rio de Janeiro: DP&A, 2003b.
- _____. Imagens de tecnologias nos cotidianos das escolas, discutindo a relação “localuniversal”. In: ROMANOWSKI, Joana Paulin et al. (Org.). *Conhecimento local e conhecimento universal: diversidade, mídias e tecnologias na educação*. Curitiba: Champanhath, 2004a.
- _____. Nossa lembrança da escola tecida em imagens. In: CIAVATTA, Maria; ALVES, Nilda. (Orgs.). *A leitura de imagens na pesquisa social: história, comunicação e educação*. São Paulo: Cortez, 2004b.
- _____. Uma entrevista imaginária: conversas com cientistas. In: PASSOS, Mailsa; ALVES, Nilda; SGARBI, Paulo. *Muros e redes: conversas sobre escola e cultura*. Porto: Profedições, 2006a.
- _____. Novos saberes: em torno de artefatos culturais. In: SOMMER, Luís Henrique; BUJES, Maria Isabel Edelweiss (Orgs.). *Educação e cultura contemporânea: articulações, provocações e transgressões em novas paisagens*. Canoas: Ed. Ulbra, 2006b.
- _____. As redes de conhecimentos e significados na formação docente. *IV Seminário Internacional – As Redes de Conhecimentos e a Tecnologia: práticas educativas, cultura e cotidiano*. Rio de Janeiro, jun. 2007. mimeo.
- _____. Sobre movimentos das pesquisas nos/dos/com os cotidianos. In: OLIVEIRA, Inês Barbosa; ALVES, Nilda. (Orgs.). *Pesquisa nos/dos/com os cotidianos das escolas: sobre redes de saberes*. Rio de Janeiro: DP et Alii, 2008a.
- _____. Em torno da memória e das culturas de escolas como *espaçostempos* de formação docente. In: EGGERT, Edla et al. (Org.). *Trajatórias e processos de ensinar e aprender: didática e formação de professores*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2008b.
- _____. Sobre as razões das pesquisas nos/dos/com os cotidianos. In: GARCIA, Regina Leite. (Org.). *Diálogos cotidianos*. Petrópolis: DP et Alii; Rio de Janeiro: Faperj, 2010a.

ALVES, Nilda. Redes educativas “dentrofora” das escolas, exemplificadas pela formação de professores. In: SANTOS, Lucíola Licínio de Castro Paixão *et al.* (Org.). *Convergências e tensões no campo da formação e do trabalho docente*. Belo Horizonte: Autêntica, 2010b.

_____. Sobre novos e velhos artefatos curriculares: suas relações com docentes, discentes e muitos outros. In: FERRAÇO, Carlos Eduardo. (Org.). *Currículo e educação básica: por entre redes de conhecimentos, narrativas, experiências e devires*. Rio de Janeiro: Rovel, 2011a.

_____. Everyday life in schools. In: PINAR, William F. (Org.). *Curriculum studies in Brazil: intellectual histories, present circumstances*. New York: Palgrave MacMillan, 2011b.

_____. Sobre escola, cozinha, cheiros, gostos, toques e saberes complexos. Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ), s.d. mimeo. [Texto escrito para discussão no grupo de pesquisa “Conhecimento cotidiano e currículo escolar”]

_____. (Org.). *Criar currículo no cotidiano*. São Paulo: Cortez, 2002a.

_____. *et al.* Discurso, texto, narrativa nas pesquisas em currículo: sobre conversas. 32ª Reunião Anual da Anped. GT-Currículo. Caxambu, set. 2009. mimeo. [Texto do Trabalho Encomendado]

_____. *et al.* Aspectos teórico-metodológicos e teórico-epistemológicos das pesquisas com os cotidianos de redes educativas. *The Fourth World Curriculum Studies Conference*. Rio de Janeiro, jul. 2012. mimeo.

_____.; AZEVEDO, Joanir Gomes; OLIVEIRA, Inês Barbosa. Pesquisar o cotidiano na lógica das redes cotidianas. 21ª Reunião Anual da Anped. GT-Currículo: minicurso Certeau e as artes de fazer. Caxambu, out. 1998. mimeo.

_____.; GARCIA, Regina Leite. Uma infinidade de mundos possíveis: fragmentos de um discurso em construção. 20ª Reunião Anual da Anped. GT-Currículo: texto do Trabalho Encomendado. Caxambu, set. 1997. mimeo.

_____.; GARCIA, Regina Leite. (Orgs.). *O sentido da escola*. Rio de Janeiro: DP&A, 1999a.

_____.; GARCIA, Regina Leite. Para começo de conversa. In: ALVES, Nilda; GARCIA, Regina Leite. (Orgs.). *O sentido da escola*. Rio de Janeiro: DP&A, 1999b.

_____.; GARCIA, Regina Leite. Atravessando fronteiras e descobrindo (mais uma vez) a complexidade do mundo. In: ALVES, Nilda; GARCIA, Regina Leite. (Orgs.). *O sentido da escola*. Rio de Janeiro: DP&A, 1999c.

_____.; GARCIA, Regina Leite (Orgs.). *A invenção da escola a cada dia*. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

_____.; GARCIA, Regina Leite. A necessidade de orientação coletiva nos estudos sobre cotidiano – duas experiências. In: BIANCHETTI, Lucídio; MACHADO, Ana Maria Netto. (Orgs.). *A bússola do escrever: desafios e estratégias na orientação de teses e dissertações*. Florianópolis: Ed. da UFSC; São Paulo: Cortez, 2002a.

_____.; GARCIA, Regina Leite. Conversa sobre pesquisa. In: ESTEBAN, Maria Teresa; ZACCUR, Edwiges. (Orgs.). *Professora-pesquisadora: uma práxis em construção*. Rio de Janeiro: DP&A, 2002b.

_____.; OLIVEIRA, Inês Barbosa. Certeau e as artes de fazer. 21ª Reunião Anual da Anped. GT-Currículo: minicurso Certeau e as artes de fazer. Caxambu, out. 1998. mimeo.

_____.; OLIVEIRA, Inês Barbosa. Uma história da contribuição dos estudos do cotidiano escolar ao campo do currículo. In: LOPES, Alice Casimiro; MACEDO, Elisabeth. (Orgs.). *Currículo: debates contemporâneos*. São Paulo: Cortez, 2002.

_____.; OLIVEIRA, Inês Barbosa; FERRAÇO, Carlos Eduardo. Sobre redes e valores, com imagens e narrativas ao meio: uma história de contatos recentes entre grupos de pesquisa no Brasil e na França. *Symposium Europe, Amériques – L'éducation entre héritages et modernité*. Waldersbach, ago. 2008. mimeo.

OLIVEIRA, Inês Barbosa; ALVES, Nilda. (Orgs.). *Pesquisa no/do cotidiano das escolas: sobre redes de saberes*. Rio de Janeiro: DP&A, 2001a.

_____.; ALVES, Nilda. Contar o passado, analisar o presente e sonhar o futuro. In: OLIVEIRA, Inês Barbosa; ALVES, Nilda. (Orgs.). *Pesquisa no/do cotidiano das escolas: sobre redes de saberes*. Rio de Janeiro: DP&A, 2001b.

_____.; ALVES, Nilda. (Orgs.). *Pesquisa nos/dos/com os cotidianos das escolas: sobre redes de saberes*. Rio de Janeiro: DP et Alii, 2008.

PASSOS, Mailsa; ALVES, Nilda; SGARBI, Paulo. *Muros e redes: conversas sobre escola e cultura*. Porto: Profedições, 2006.

RESUMO

Trata-se de texto-homenagem à Nilda Alves, elaborado com a tessitura dos títulos de algumas de suas obras, a partir de 1984, quando conheci Nilda por ocasião da minha entrevista no processo de seleção para o curso de mestrado em Educação da Universidade Federal Fluminense (RJ). Passados, então, vinte e oito anos, tento tecer, pela memória que se inventa, alguns fios dos acontecimentos vividos desde aquele momento e, no decorrer da escrita, vou sendo agenciado por um sentimento de afeto, que moveu toda uma vida de leituras e encontros com sua obra e com sua presença marcante. Com isso, o texto defende que a potência das memórias não reside na vã tentativa de voltar no tempo, de resgatar o passado, mas, ao contrário, na força que nos move a seguir sempre em frente e em meio às incertezas e alegrias da vida de cada dia, sempre desafiando-nos a produzir outras leituras desses *mundosvidas* que possam inventar, a cada nova etapa de nossa trajetória acadêmica.

Palavras-chave: Memória; Encontro; Rede; Afeto.

ABSTRACT

This paper pays tribute to Nilda Alves, weaving together the titles of some of her works from 1984 onwards, when I met her during my admission interview for the master of education course at the Federal Fluminense University in Rio de Janeiro State. Some 28 years later, I now follow through inventive memory some threads of events experienced since then, guided in my writing by feelings of affection that steered an entire lifetime of readings and meetings with her work and with her striking presence. As a result, the text asserts that the power of memories does not lie in the attempt to step back through time, redeeming the past; instead seeking the strength that drives us to move steadily ahead, enveloped in the doubts and joys of life each day, always challenging us to produce other readings of these *lives-worlds* that they can invent at each new stage of our academic careers.

Keywords: Memory; Meeting; Network; Affection.

Recebido em: agosto de 2012
Aprovado em: setembro de 2012